



VALDERRÁBANO GONZÁLEZ, Irune, *Al Amparo de Ártemis. Virginidades humanas y divinas en la Grecia Antigua*, Editorial Universidad de Sevilla, Sevilla, 2021, Estudios helénicos 3, 284 págs. [17 x 24].

As narrativas a respeito dos deuses e heróis gregos estão presentes na maioria das fontes antigas das quais temos conhecimento, pois faziam parte do cotidiano dessa população. O historiador Heródoto de Halicarnasso reserva alguns capítulos sobre os mitos e os cultos religiosos ao descrever as diversas sociedades em sua obra. O geógrafo Pausânias, em sua descrição da Grécia, também analisa os mitos em diversas passagens, o que permitiu ao historiador francês Paul Veyne afirmar que esse autor antigo “era obcecado pelo problema do mito” (2014, 17). Devido ao fato dessas narrativas míticas nascerem no campo da oralidade, alguns eventos acabavam ganhando diferentes versões e suas personagens, diversos atributos. Esse é o caso da divindade Ártemis, deusa analisada por Irune Valderrábano González em sua obra *Al Amparo de Ártemis. Virginidades humanas y divinas en la Grecia Antigua*. A autora se propõe a trabalhar com um tema muito sensível e instigante, a virgindade grega, tanto a humana quanto a mitológica, uma vez que no Monte Olimpo viveriam três deusas virgens (*parthénoi*): Ártemis, Atena e Héstia. Uma das questões levantadas pela autora em sua obra se refere ao relevante papel outorgado pela sociedade grega patriarcal para estas três *parthénoi*, já que elas não cumpriram com a principal função social feminina esperada pela *polis*: o nascimento de futuros cidadãos.

Este questionamento motivou a pesquisa da historiadora, que também exerce o ofício de enfermeira e parteira, somente podendo ser respondido através do entendimento do que definiria a *parthenia* (virgindade) para os gregos. Dessa forma, na primeira parte do livro, somos apresentados aos diversos aspectos da virgindade no mundo profano. No primeiro capítulo, o termo *parthénos* é destrinchado e percebemos que a virgindade não se caracterizava pela condição física, o hímen intacto, mas pela sua condição social, ou seja, de uma jovem pronta para o casamento. Para chegar essa conclusão, a autora utiliza-se tanto da fonte documental quanto da imagética para construir a imagem dessa jovem solteira, trazendo elementos importantes na identificação da *parthénos*, como o cinto afivelado, elemento presente na configuração da deusa Atena, o sacrifício para salvar a *polis*, sendo as figuras mais

representativas desse ato Polixena e Ifigênia, ou sua condição transitória, fronteira que marca o momento entre a infância e o casamento.

Esse período entre a infância e o casamento é o mote do segundo capítulo. Nele, observamos a construção discursiva associando a *parthénos* ao mundo selvagem, que somente será domada e inserida no mundo cultural helênico através do casamento. Essa relação entre o mundo selvagem das jovens solteiras que as atrelaria a deusa Ártemis, donzela indômita que habitava os bosques ou pântanos, torna-se evidente nos vocábulos encontrados na documentação antiga, como cabritinha ou potrinha, animais empregados nos rituais de sacrifício, uma referência à Polixena e à Ifigênia ou gazela e corça, referindo-se ao mundo agreste habitado pela *parthénos*. Nesse sentido, as festividades nas quais as meninas atuavam seriam de grande importância na sociedade, pois se configurariam como ritos de passagem, indicando uma mudança para outro patamar, neste caso da menina indomável para a jovem pronta para o casamento. Assim, os rituais de transição analisados no livro – Arreforias, Caneforias e Brauronias – permitiram à autora desenvolver o papel das *parthénoi* na esfera religiosa, demonstrando o caráter simbólico destas festas: o desaparecimento da infância para a entrada do mundo adulto.

Outro ritual de passagem explorado na obra é o casamento, temática frequente na cerâmica ática e uma instituição de grande importância para a *pólis*, pois, ao vincular a *parthénos* à comunidade, garantia a manutenção do nascimento dos cidadãos, participantes ativos do sistema político. Por isso, era uma transação entre dois homens, o pai da noiva (*kúrios*) e seu futuro marido. No terceiro capítulo, observamos qual era a participação do *kúrios* com os preparativos dos sacrifícios e de alguns ritos nupciais. Outro ponto abordado pela autora é a passividade da jovem noiva em toda a organização do matrimônio. No cortejo nupcial, responsável por conferir publicidade a um acordo firmado no âmbito privado, todos os participantes têm um papel ativo nessa celebração, exceto a *parthénos*, que figura sentada em uma carroça conduzida pelo marido para o seu novo *oikos*. O próprio vocábulo empregado ressalta a diferenciação entre a noiva, que era desposada e o noivo, que se casava.

A este respeito da passividade da jovem virgem, a historiadora pontua que durante o traslado dos noivos, haveria uma mudança no status da *parthénos*, que a colocaria em um patamar de igualdade com o seu noivo, pois ela habitaria o mundo externo, que segundo os autores gregos, pertenceria somente às atividades masculinas. Após os rituais de celebração do casamento, que incluem o desvelo da jovem e o desatamento do cinto, a agora jovem esposa estaria pronta para a sua última transição física e social, a geração de descendentes e sua conversão de *parthénos* para *gyné*. Em um primeiro momento, pensaríamos que a recém-casada teria perdido a proteção de Ártemis, uma vez que ela não habitava mais o mundo selvagem, entretanto, a deusa seria evocada no momento do parto, porque protegeria a mãe e o bebê. Considerado como uma guerra feminina, o parto apresentaria características que fazem parte do mundo indômito habitado por Ártemis: a dor, comparado com a dor de uma flechada, o sangue do ferimento e do processo de nascimento e o delírio que envolve esses momentos. Dessa forma, Ártemis, como uma parteira, auxiliaria nesse rito de passagem que é o ato de parir: um corredor estreito, de transição e perigoso, uma vez que havia o risco de morte da criança ou da mãe.

Na segunda parte do livro, a autora busca compreender o paradoxo do emprego das deusas virgens em todos os processos de procriação dos mortais. Para entender a *parthenia* dessas deusas, além da retomada de alguns temas debatidos anteriormente, a pesquisadora entrou em contato com uma documentação que proporciona construir uma interpretação sobre a história das divindades *parthénoi*. Apesar de Ártemis, Atena e Héstitia serem definidas como deusas da caça, da guerra e do lar, respectivamente, elas possuem elementos em comum. Nos três casos, o nascimento foi marcado por perseguições, encobrimentos e enganos. Leto precisou fugir da perseguição de Hera ao descobrir a gravidez dos gêmeos, Apolo e Ártemis, fruto de sua relação com Zeus. Atena nasce da cabeça de seu pai, o deus mais poderoso do Olimpo, que havia engolido sua mãe, Métis, para evitar o futuro nascimento de um jovem destinado a destroná-lo. Pelo mesmo motivo, Cronos engoliu seus filhos, fruto da relação com Reia: Héstitia foi a primeira a ser tragada e a última a ser expelida após uma artimanha empregada por Zeus contra seu pai.

O segundo elemento que unirá as três divindades é a virgindade. Neste caso, acordo com a documentação antiga, as deusas solicitaram a Zeus, na condição de pai e irmão, permanecerem *parthénoi*, negando as investidas de futuros pretendentes. Em consonância às informações já apresentadas, a deusa da caça e do mundo selvagem somente poderia proteger as jovens durante o período da infância até o casamento e durante o parto se ela não fosse afetada pela experiência da procriação. No caso de Atena, a decisão da virgindade atrela-se a sua lealdade e defesa do seu pai, afastando-se do casamento. A última deusa, Héstitia, ao tocar a cabeça de seu irmão quando expressa o seu desejo de manter a sua *parthenia*, ganha o privilégio de se sentar no centro do lar dos deuses olímpicos, recebendo todas as oferendas. Dessa forma, Zeus transforma-se no *kúrios* divino dessas três deusas, ordenando o sistema social dos deuses, assim como os pais que protegem as *parthénoi* até o casamento, tornando-se o responsável pela sua inserção na *pólis*.

Retornando à sequência do desenvolvimento da pergunta que a autora anuncia na introdução de sua obra, a importância da *parthenia* divina para a cidade, através da análise das diversas atribuições associadas às deusas, podemos perceber a relação delas com a manutenção dos sistemas instituídos dentro da *pólis*. Ártemis, por habitar espaços remotos e paisagens perigosas nas fronteiras do mundo desconhecido, configurar-se-ia como uma deusa vigilante e protetora deste limiar, ou seja, ela seria a responsável pela passagem da *parthénos* para *gyné*, conduzindo a jovem na preparação para o casamento e na manutenção de cidadãos, pela sua condição de parteira do próprio irmão e conhecedora dos caminhos escuros e sinuosos que precedem o nascimento.

Atena, a deusa da guerra tática e astuta, atributo que a afastaria de sua irmã, Ártemis, pois o arco favorece a emboscada e não o confronto físico, é também a responsável pela organização da sociedade olímpica. Ela pertence ao mundo ordenado da *pólis*, inspirando vários ofícios e se associando às mulheres, já que domina a arte da tecelagem. A divindade se aproxima da jovem *parthénos* nas Arreforias, festividade dedicada a deusa da guerra, momento no qual as jovens prontas para o casamento são apresentadas a sociedade grega ou nas Apatúrias, nas quais as jovens, já casadas, são inseridas à fratria de seu marido durante o banquete; ou seja, o matrimônio

visto como uma ferramenta que promove a manutenção da ordem social e política da cidade.

A hospitalidade, qualidade de Héstia, configura a primeira ligação entre esta deusa e a *parthénos*. A deusa do lar e da propriedade, garantiria a manutenção do patrimônio familiar através do matrimônio. Dessa forma, ela asseguraria a procriação não através das relações sexuais ou do parto, mas mediante a recepção da noiva no novo *oikos*. Além disso, por seu lugar central na habitação, local onde todos os moradores se reúnem, esse é o primeiro espaço que o recém-nascido é levado para ser apresentado à sua família. Apesar de habitarem espaços distintos, Ártemis, no exterior, nos bosques e fora da cidade e Héstia, no interior da casa, as duas deusas se integram por estarem atreladas à virgindade indômita da jovem solteira e da virgindade domada da *parthénos* recém-casada.

Ao longo da trajetória desenvolvida por Valderrábano González, deparamo-nos com uma pesquisa sólida e aprofundada sobre o tema, demonstrada nas notas de pé de página, nos autores referenciados ao longo do texto e na análise de diferentes fontes históricas, como a epigráfica, a documental e a arqueológica. A eleição do estruturalismo e a antropologia histórica, marcos teóricos para a interpretação da documentação selecionada, permitiu a autora averiguar as variantes do mito de Ártemis e das outras deusas virgens, possibilitando a sua interpretação a respeito da *parthenia* divina e profana. Entretanto, esta obra não se configura como um estudo da religião grega, mas busca entender como esta sociedade engendrou a sua conceitualização de virgindade através do sistema cultural elaborado nos relatos míticos.

A autora tem uma narrativa clara e envolvente, conduzindo os leitores por uma trilha tortuosa que nos aproxima da morada dos deuses, proibida para os mortais. Atuando como uma tocha, outro elemento característico de Ártemis, a pesquisadora ilumina as frestas por onde conseguimos enxergar deuses e deusas que se relacionam a todo momento, despertando paixões, ciúmes e desejos. O livro nos inspira a olhar o mundo antigo por uma nova perspectiva, possibilitando a ampliação de novas pesquisas e a sensação de que novas composições de outras deusas estão por vir.

NATHALIA MONSEFF JUNQUEIRA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
nathalia.m.junqueira@ufms.br
ORCID ID.: 0000-0002-4064-7701

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- VEYNE, Paul, *Os gregos acreditavam em seus mitos?: ensaio sobre a imaginação constituinte*, Editora da Unesp, São Paulo, 2014.

